

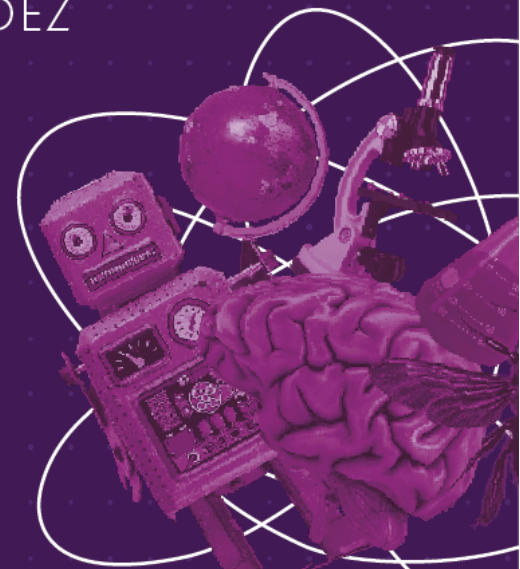
# PREVALÊNCIA E PADRÕES DO USO DE MEDICAMENTOS ANTIDEPRESSIVOS E ANSIOLÍTICOS ENTRE ESTUDANTES DE MEDICINA EM UM CENTRO UNIVERSITÁRIO DO DISTRITO FEDERAL

Professor orientador: Daniel Amaro Sousa

Alunos: Eduardo Mujica Pedrosa e Louise Gomide Freitas

PROGRAMA DE  
INICIAÇÃO CIENTÍFICA  
PIC/CEUB

**RELATÓRIOS DE PESQUISA**  
VOLUME 10 Nº 1- JAN/DEZ  
**2024**



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - CEUB  
PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**

**EDUARDO MUJICA PEDROSA  
LOUISE GOMIDE FREITAS**

**PREVALÊNCIA E PADRÕES DO USO DE MEDICAMENTOS ANTIDEPRESSIVOS E  
ANSIOLÍTICOS ENTRE ESTUDANTES DE MEDICINA EM UM CENTRO  
UNIVERSITÁRIO DO DISTRITO FEDERAL**

Relatório final de pesquisa de Iniciação Científica apresentado à Assessoria de Pesquisa e Extensão.  
Orientação: Daniel Amaro Sousa

**BRASÍLIA  
2025**

## **1. DEDICATÓRIA**

Este trabalho é dedicado, primeiramente, à minha dupla, cuja parceria foi fundamental para o desenvolvimento deste projeto, agradeço pela dedicação, comprometimento e apoio em cada etapa, tornando essa jornada muito mais leve e significativa. Agradeço também ao nosso orientador Daniel Amaro, pela paciência, orientação precisa e confiança em nosso potencial, suas palavras e ensinamentos foram cruciais para o nosso crescimento acadêmico e pessoal. Estendo minha gratidão à nossa faculdade, o CEUB, por nos proporcionar a oportunidade de realizar este trabalho, oferecendo os recursos necessários para a concretização de nossas ideias. Por fim, dedico este trabalho aos nossos pais, que sempre estiveram ao nosso lado, acreditando em nós, nos motivando a seguir em frente e oferecendo o suporte incondicional que nos permitiu alcançar mais este objetivo. Sem vocês, nada disso seria possível, a todos, o nosso muito obrigado.

## 2. RESUMO

O presente estudo teve como objetivo investigar, de forma detalhada, a prevalência e os padrões de uso de medicamentos antidepressivos e ansiolíticos entre estudantes de medicina. A amostra foi composta por 454 alunos, o que corresponde a 49,61% do total de matriculados no curso de medicina do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB), campus Asa Norte. Adotando uma abordagem quantitativa, foram realizadas entrevistas estruturadas, tanto de maneira presencial quanto por meio de formulários online, a fim de garantir maior abrangência e representatividade. Os resultados obtidos revelaram que 90,5% dos participantes relataram já ter apresentado sintomas de ansiedade e/ou depressão em algum momento da vida acadêmica. Além disso, 43,49% informaram ter recebido diagnóstico psiquiátrico formal para pelo menos um desses transtornos, evidenciando a relevância do problema no contexto universitário. No que diz respeito ao uso de medicações, 39,87% dos estudantes afirmaram já ter utilizado ou estarem fazendo uso de antidepressivos e/ou ansiolíticos. Entre os fármacos prescritos, os Inibidores Seletivos da Recaptação de Serotonina (ISRS) destacaram-se como os mais frequentes, correspondendo a 75% das prescrições relatadas. A análise estatística dos dados indicou ainda uma associação significativa entre o semestre cursado e a prevalência de diagnósticos psiquiátricos, sendo que os alunos nos semestres mais avançados apresentaram maior incidência de transtornos mentais. Essa relação pode estar associada ao aumento progressivo da carga horária acadêmica, à intensificação das responsabilidades clínicas e à pressão inerente à reta final da formação médica. Diante desses achados, a pesquisa reforça a importância de ações institucionais direcionadas à promoção da saúde mental no ambiente acadêmico, incentivando estratégias de suporte psicológico, programas de prevenção e o uso responsável de psicofármacos, com acompanhamento especializado adequado e prevenção à automedicação.

### **3. PALAVRAS CHAVE:**

Antidepressivos; Ansiolíticos; Estudantes de Medicina

### **4. LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 1 – Prevalência de Sintomas de Ansiedade e Depressão

Gráfico 2 – Diagnósticos psiquiátricos entre estudantes

Gráfico 3 – Distribuição do uso de fármacos

Gráfico 4 – Distribuição de Diagnósticos de Depressão e Ansiedade ao Longo dos Semestres Acadêmicos

### **5. LISTA DE ABREVIÇÕES**

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa

CEUB – Centro Universitário de Brasília

DF – Distrito Federal

GABA – Ácido gama-aminobutírico

IRSN – Inibidores da Recaptação de Serotonina e Noradrenalina

ISRS – Inibidores Seletivos da Recaptação de Serotonina

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

## 6. SUMÁRIO

1. DEDICATÓRIA.....	2
2. RESUMO.....	3
3. PALAVRAS CHAVE:.....	3
4. LISTA DE GRÁFICOS.....	4
6. SUMÁRIO.....	5
7. INTRODUÇÃO.....	6
8. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	8
9. METODOLOGIA.....	11
10. AMOSTRA.....	12
11. RESULTADO E DISCUSSÃO.....	14
Gráfico 1: Prevalência de Sintomas de Ansiedade e Depressão.....	15
Gráfico 2: Diagnósticos psiquiátricos entre estudantes.....	17
Gráfico 3: Distribuição do uso de fármacos.....	20
Gráfico 4: Distribuição de Diagnósticos de Depressão e Ansiedade ao Longo dos Semestres Acadêmicos.....	22
12. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
13. REFERENCIAL TEÓRICO:.....	26
14. ANEXOS:.....	28

## 7. INTRODUÇÃO

A saúde mental dos estudantes universitários é uma esfera de estudo intrinsecamente relacionada ao bem-estar e ao desempenho acadêmico. No contexto universitário, onde a pressão acadêmica, expectativas sociais, e as transições para a vida adulta convergem, a saúde mental emerge como um fator crítico para o desenvolvimento integral dos estudantes. Nesse cenário, a ansiedade e a depressão, reconhecidas por sua forte ligação com a saúde mental, têm se destacado como preocupações crescentes, especialmente entre alunos de medicina, ressaltando a necessidade de atenção e intervenção (FOND et al., 2020).

Dentro desta perspectiva, esses transtornos de humor, que figuram entre os mais prevalentes globalmente, transcendem a esfera da saúde psicológica, afetando a funcionalidade diária e a qualidade de vida dos estudantes universitários. Assim, a manifestação da ansiedade e depressão no ambiente acadêmico ilustra não apenas um desafio individual, mas também um obstáculo ao desenvolvimento acadêmico e pessoal (CAVESTRO et al., 2015).

A ansiedade, caracterizada por preocupação excessiva, tensão e medo, quando persistente e desregulada, pode comprometer significativamente a capacidade de concentração, deteriorar a qualidade do sono, prejudicar as relações interpessoais e reduzir o bem-estar geral. Estas manifestações não apenas sinalizam uma alteração na resposta adaptativa ao estresse, mas também podem predispor os indivíduos a uma variedade de problemas físicos, como doenças cardiovasculares e disfunções imunológicas, evidenciando a alta conexão entre a saúde mental e física (DOWNS et al., 2014).

A depressão, por outro lado, se caracteriza por um estado prolongado de tristeza ou desânimo que, quando não tratado, pode evoluir para uma condição crônica com repercussões severas na qualidade de vida. A persistência da depressão não apenas afeta negativamente a capacidade de desfrutar da vida e manter funções sociais e ocupacionais, mas também está associada a um risco aumentado de comorbidades, incluindo doenças cardiovasculares, diabetes e obesidade, além de um risco elevado de autoextermínio (FRIEDRICH et al., 2017).

O fenômeno do autoextermínio está estreitamente associado à depressão, sendo particularmente prevalente entre estudantes universitários, especialmente aqueles cursando medicina. Trabalhos anteriores apontam que nesta população, o autoextermínio figura como a segunda maior causa de morte, precedida apenas por fatalidades acidentais. A análise epidemiológica sobre o autoextermínio nesse segmento acadêmico aponta para uma situação: estudantes de medicina apresentam uma probabilidade consideravelmente maior de ponderar sobre ou efetivamente cometer autoextermínio em relação ao restante da população (BRAZEAU et al., 2014).

Este fenômeno pode ser associado à pressão acadêmica, as demandas intensas do curso e a exposição constante a situações desafiadoras, que em conjunto parecem contribuir significativamente para o surgimento ou agravamento de quadros de ansiedade e depressão. Esta realidade sublinha a importância de compreender e abordar as nuances dessas condições para promover a saúde mental desses indivíduos (MORRIS et al., 2021).

Diante desses desafios, a utilização de medicamentos antidepressivos e ansiolíticos torna-se uma prática frequente e, muitas vezes, necessária para controlar os sintomas apresentados. No entanto, esta solução traz preocupações adicionais, notadamente em relação à automedicação e ao uso indiscriminado de tais medicamentos sem a orientação médica especializada. Essas práticas podem não apenas acarretar riscos à saúde dos estudantes, mas também interferir na eficácia do tratamento proposto, evidenciando a necessidade de abordagens mais integradas e supervisionadas no manejo dessas condições (FASANELLA et al., 2022).

Devido à falta de estudos científicos abrangentes que abordem aspectos epidemiológicos, psicossociais e motivacionais relacionados ao consumo de medicamentos antidepressivos e ansiolíticos entre os estudantes de medicina, é importante aprofundar a investigação sobre o tema e coletar informações sobre o seu padrão de uso. Compreender a variedade de fatores desencadeantes para a experimentação, a diversidade de aspectos epidemiológicos é essencial para elucidar a dinâmica de enfrentamento da saúde mental neste grupo específico.

## 8. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A depressão e a ansiedade são transtornos mentais que afetam milhões de pessoas em todo o mundo, sendo condições complexas e multifacetadas. A depressão é caracterizada por uma sensação persistente de tristeza, desesperança e falta de interesse nas atividades cotidianas. Pode se manifestar de forma leve, moderada ou grave, interferindo significativamente na qualidade de vida e no funcionamento diário do indivíduo. Por outro lado, a ansiedade é uma resposta natural do corpo a situações de estresse, mas quando se torna crônica e excessiva, pode evoluir para um transtorno de ansiedade, marcado por preocupações intensas, medos irracionais e sintomas físicos como taquicardia e sudorese (APA et al., 2022).

A formação em medicina, devido à sua natureza altamente exigente e competitiva, pode ser um ambiente especialmente propício para o desenvolvimento e agravamento desses transtornos mentais. O intenso volume de estudos, as longas horas de trabalho, a pressão por alto desempenho acadêmico e as expectativas elevadas podem sobrecarregar os estudantes, levando a altos níveis de estresse, ansiedade e, em alguns casos, depressão (PUTHRAN et al., 2016)

A carga de estudos extensa, aliada à responsabilidade de lidar com vidas humanas e a pressão por resultados excelentes, pode gerar um ambiente de competição e perfeccionismo exacerbado, contribuindo para o aumento do estresse e da ansiedade entre os estudantes de medicina. Além disso, a falta de tempo para o autocuidado, o isolamento social devido às demandas acadêmicas e a dificuldade em lidar com situações emocionalmente desafiadoras podem agravar ainda mais esses problemas de saúde mental (SACRAMENTO et al., 2021).

O uso de medicamentos antidepressivos e ansiolíticos tornou-se uma prática notável entre estudantes de medicina como resposta ao estresse crônico e às demandas emocionais significativas. Esses medicamentos desempenham um papel crucial no manejo de sintomas depressivos e ansiosos, e sua prescrição é comum no tratamento dessas condições (NICE et al., 2019).

A prevalência do uso de antidepressivos e ansiolíticos entre estudantes de medicina reflete, em grande parte, o aumento do reconhecimento de distúrbios de saúde mental em

ambientes acadêmicos. Embora os medicamentos desempenhem um papel importante no tratamento dos transtornos depressivos e de ansiedade, o contexto universitário pode exacerbar a pressão psicológica, levando muitos estudantes a recorrerem a substâncias para lidar com as dificuldades emocionais (PUTHRAN et al., 2016)

Um estudo recente indica que, além das demandas acadêmicas, fatores como o estigma relacionado ao cuidado psicológico e a percepção de que a busca por ajuda pode ser vista como um sinal de fraqueza podem dificultar o acesso a tratamentos adequados, aumentando a dependência de medicações como antidepressivos e ansiolíticos. Esses fatores, muitas vezes, contribuem para que os estudantes optem pela automedicação, uma prática arriscada, que pode oferecer alívio temporário, mas não resolve as causas subjacentes dos transtornos mentais (NICE et al., 2019)

É importante destacar que, embora a automedicação seja uma prática comum entre estudantes de medicina, essa abordagem frequentemente não leva em consideração as interações medicamentosas e os efeitos adversos das substâncias. O uso inadequado de antidepressivos e ansiolíticos pode levar ao agravamento de sintomas, ao desenvolvimento de dependência química, e a dificuldades adicionais no desempenho acadêmico e na qualidade de vida dos estudantes. O risco de dependência é especialmente preocupante em relação aos benzodiazepínicos, cuja utilização inadequada pode resultar em efeitos adversos significativos, como a diminuição das capacidades cognitivas e a redução da motivação. Portanto, além do acompanhamento farmacológico, é fundamental que os estudantes de medicina recebam suporte psicológico adequado para lidar com o estresse, a pressão acadêmica e a ansiedade, de maneira a prevenir a dependência de medicamentos (SACRAMENTO et al., 2021).

Os antidepressivos, desempenham um papel vital no tratamento não apenas da depressão mas também da ansiedade, apresentando diversas classes com base em seus mecanismos de ação. Notadamente os Inibidores Seletivos de Recaptação de Serotonina (ISRS), representam uma classe amplamente utilizada no tratamento da depressão, e inclui fármacos como a fluoxetina, sertralina e citalopram, que atuam aumentando a concentração de serotonina no cérebro, aliviando os sintomas depressivos (LING et al., 2022).

Além deles, os inibidores da recaptação de serotonina e norepinefrina (IRSN), também são amplamente utilizados. Nesta classe encontram-se a venlafaxina e duloxetine,

que ao atuarem em ambos neurotransmissores, parecem conferir abordagem mais abrangente (LAM et al., 2017).

No âmbito dos ansiolíticos, os benzodiazepínicos são os fármacos mais prescritos. Medicamentos deste grupo, como o diazepam e o alprazolam, atuam potencializando os efeitos do ácido gama-aminobutírico (GABA), um neurotransmissor inibitório, promovendo relaxamento e reduzindo a ansiedade. Contudo, a eficácia desses fármacos é contrabalançada pelo risco aumentado de dependência e efeitos colaterais graves, como sonolência excessiva e desatenção (APA et al., 2022). Os ansiolíticos não benzodiazepínicos, representados por fármacos como buspirona e hidroxizina, surgem como alternativas contemporâneas que buscam atenuar os riscos vinculados ao uso de benzodiazepínicos, oferecendo, ao mesmo tempo, efetiva ação ansiolítica (LAM et al., 2017).

Essa evolução farmacológica encontra uma relação particular entre os estudantes de medicina, cuja maior proximidade com o campo da saúde lhes confere tanto acesso facilitado quanto uma maior sensação de compreensão dos mecanismos dessas substâncias, embora também os coloque em uma posição de vulnerabilidade devido à pressão incessante por excelência acadêmica. A prática da automedicação, especialmente prevalente nesse grupo, carrega consigo o risco de uso inadequado desses medicamentos, com possíveis consequências como efeitos colaterais desfavoráveis, dependência e uma marcada redução no desempenho acadêmico e habilidades profissionais (ALDURAIBI et al., 2022).

Ademais, a tendência à automedicação pode ocultar condições mais sérias, potencialmente não diagnosticadas, e a ausência de um acompanhamento médico e psicológico apropriado amplia a chance de ocorrência de reações adversas e complicações decorrentes do uso dessas medicações (BEHZADIFAR et al., 2020).

Dessa forma, torna-se imperativo um aprofundamento na compreensão dos padrões de consumo de antidepressivos e ansiolíticos por parte dos estudantes de medicina, visando o estímulo à criação de estratégias preventivas e de intervenções efetivas. Avaliar as percepções sobre a automedicação e identificar os fatores motivadores dessas práticas são etapas essenciais para moldar abordagens mais focadas e adaptadas às necessidades específicas desses estudantes, promovendo assim um cenário favorável à saúde mental nesse meio acadêmico.

## 9. METODOLOGIA

A metodologia da pesquisa consistiu em uma abordagem quantitativa, com uma entrevista para aplicação de um questionário estruturado que foi respondido preferencialmente de forma presencial. Contudo as entrevistas também ocorreram de forma digital através de um questionário online, aplicado por meio da plataforma Google Formulário, para os estudantes do curso de Medicina do centro universitário na Asa Norte, em Brasília - DF entre os meses de novembro de 2024 a Janeiro de 2025. Para isso, foi elaborado um roteiro para entrevista estruturada com perguntas sobre a idade, gênero, semestre em curso, local de residência, presença de sintomas de ansiedade, uso de medicamentos antidepressivos e ansiolíticos, bem como sobre o acompanhamento por profissionais da saúde e a confirmação diagnóstica dos transtornos de ansiedade e depressão. O questionário da pesquisa foi elaborado para permitir uma aplicação rápida e facilitar sua disseminação. O tempo médio de preenchimento variou entre 3 e 5 minutos, abordando a prevalência do uso de medicamentos antidepressivos e/ou ansiolíticos.

As alternativas de resposta foram elaboradas com base na fundamentação teórica da escala de Likert, devido à sua capacidade de facilitar a compreensão dos participantes, possibilitando a inclusão daqueles com experiências limitadas no âmbito de pesquisas e/ou preenchimento de questionários. Além disso, a escala Likert proporciona diversidade nas opções de resposta, permitindo que os entrevistados expressem suas opiniões de maneira mais precisa, evitando respostas binárias, como sim ou não, que não apresentam nuances.

As questões iniciais concentraram-se no perfil demográfico do estudante de medicina do Uniceub campus Asa Norte, como semestre em curso, faixa etária, gênero e bairro de residência. Essa segmentação foi crucial para a análise dos dados, permitindo uma compreensão mais detalhada de como a prevalência e os padrões de uso poderiam variar entre diferentes grupos.

Posteriormente, o questionário apresentou questões sobre a existência de ansiedade ou depressão, confirmada ou não por diagnóstico profissional especializado, uso atual ou passado de medicamentos, frequência e duração do uso, e os tipos de medicamentos utilizados, visando catalogar a extensão e a natureza do uso de medicamentos antidepressivos e ansiolíticos. Especificamente, as perguntas destinadas a entender o

diagnóstico profissional e a origem da prescrição dos medicamentos foram fundamentais para distinguir entre o uso supervisionado por profissionais e a automedicação, uma distinção importante para abordar os objetivos específicos do estudo.

Por fim, as questões relacionadas à percepção sobre a necessidade do uso de medicamentos, os efeitos percebidos no desempenho acadêmico e a eficácia percebida desses medicamentos no tratamento das condições de saúde mental tiveram como objetivo compreender as consequências do uso de tais medicamentos na vida acadêmica e pessoal dos estudantes. Essa parte da metodologia foi essencial para avaliar não apenas os padrões de uso, mas também o impacto percebido desses medicamentos na qualidade de vida e no desempenho acadêmico dos estudantes, contribuindo para uma visão holística sobre a temática em estudo.

Para o recrutamento dos participantes, foi realizada uma apresentação geral do estudo no Centro Universitário de Brasília-UniCEUB, campus Asa Norte, através de canais de comunicação institucionais de e-mail, fórum online e captação ativa presencial. Os alunos foram informados sobre o propósito da pesquisa, a natureza da participação, os benefícios potenciais e possíveis riscos. Os alunos interessados em participar foram convidados a entrar em contato com os pesquisadores. Antes da participação, os mesmos receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para assinar, garantindo que compreenderam o objetivo, benefícios e risco da pesquisa e que concordaram em participar voluntariamente.

A confidencialidade e o anonimato dos participantes foram assegurados durante toda a pesquisa, garantindo-lhes o direito de se retirar do estudo a qualquer momento, sem penalidades. O projeto foi previamente submetido e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa do UniCEUB (CEP), sob o cadastro CAAE: 81637424.7.0000.0023 no dia 26/08.2024.

## **10.AMOSTRA**

A amostra foi selecionada por meio de uma amostragem aleatória estratificada, garantindo a representatividade dos resultados. A amostra foi composta por 454 entrevistas, representando 49,61% do total de alunos matriculados no curso de Medicina na instituição em questão. As informações referentes aos alunos matriculados foram obtidas em

colaboração com a equipe da Secretaria Geral da instituição, com dados atualizados em dezembro de 2024.

As entrevistas foram aplicadas em horários e locais previamente estabelecidos, buscando minimizar possíveis vieses de seleção. As questões das entrevistas foram elaboradas com base em uma sólida fundamentação teórica e com o auxílio do professor orientador, assegurando a qualidade, objetividade e relevância das perguntas.

Os dados coletados foram armazenados em uma planilha eletrônica, que permitiu a organização e a análise dos dados. Para a interpretação dos dados, foram utilizados métodos estatísticos descritivos, que permitiram a caracterização da amostra e a apresentação das principais características do consumo de ansiolíticos e antidepressivos pelos estudantes universitários de medicina. Foram enfatizadas as associações entre as variáveis investigadas, bem como as implicações dos resultados para a saúde dos estudantes e para futuras pesquisas acadêmicas.

Para análise inferencial, foram aplicados testes estatísticos apropriados para verificar associações e correlações entre as variáveis. O teste Qui-quadrado foi utilizado para examinar as relações entre variáveis categóricas, como o uso de medicamentos e diagnósticos confirmados de condições de saúde mental. Análises de variância (ANOVA) foram aplicadas para comparar médias de variáveis contínuas entre múltiplos grupos, como a idade e a duração do uso de medicamentos entre estudantes com diferentes diagnósticos.

Por fim, os critérios de inclusão adotados no trabalho foram: alunos do centro universitário Brasília-UniCEUB, campus Asa Norte, que cursam medicina, brasileiros, de ambos os sexos, acima de 18 anos. Todos que preencherem esses critérios foram convidados a participar da entrevista e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - (TCLE) presencial e virtual. Após a concordância com o TCLE, os participantes estavam aptos a realizar a entrevista. Já os critérios de exclusão adotados consideraram diagnósticos prévios de transtornos de humor graves que pudessem comprometer a análise dos resultados ou introduzir variáveis que interferissem na interpretação dos dados.

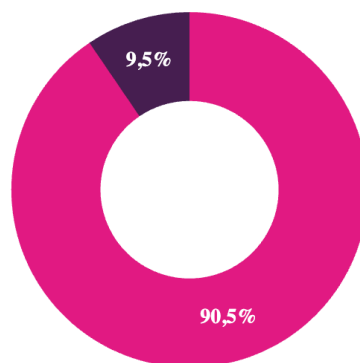
## 11.RESULTADO E DISCUSSÃO

O estudo sobre a prevalência e os padrões de consumo de medicamentos antidepressivos e ansiolíticos entre estudantes de medicina, envolveu 454 alunos, o que representa 49,61% do total de 915 estudantes matriculados no curso. O objetivo foi analisar a epidemiologia desse fenômeno, dada a crescente preocupação com a saúde pública devido ao aumento do uso de antidepressivos e ansiolíticos entre os estudantes de medicina, com o intuito de estabelecer uma base empírica sólida para entender as dinâmicas de saúde mental nesta população específica. Dos 454 participantes, 410 (90,5%) relataram ter apresentado, no presente ou no passado, algum sintoma de ansiedade e/ou depressão, enquanto 9,5% afirmaram nunca ter experienciado esses sintomas (Gráfico 1).

Essa taxa é superior às prevalências relatadas em estudos globais sobre o tema. Rotenstein et al. (2016) conduziram uma revisão sistemática e meta-análise de 195 estudos encontrando uma prevalência combinada de depressão de 27,2%. Da mesma forma, Quek et al. (2019), em uma meta-análise que incluiu um total de 40.348 estudantes de medicina, identificaram uma taxa global de prevalência de ansiedade de 33,8%. As discrepâncias entre os achados internacionais e os dados do presente estudo podem ser atribuídas a diferenças metodológicas, culturais e contextuais, além de possíveis variações na percepção e relato de sintomas pelos estudantes de medicina.

**Gráfico 1:** Prevalência de Sintomas de Ansiedade e Depressão

● Apresentaram sintomas de ansiedade e/ou depressão  
 ● Nunca apresentaram sintomas de ansiedade e/ou depressão



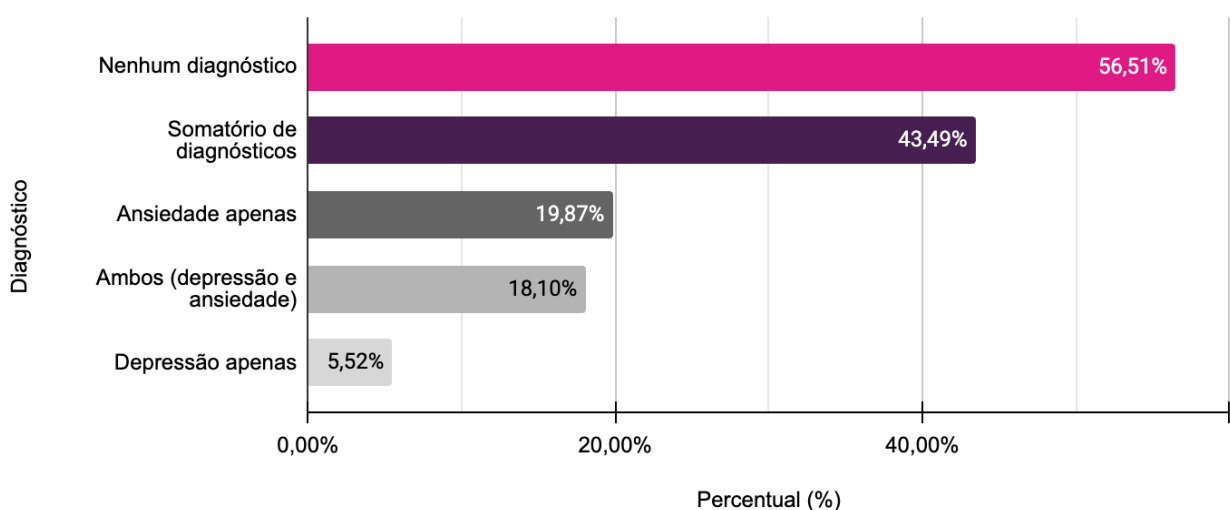
**Fonte:** Pedrosa; Freitas (2025)

Os achados relativos aos dados revelaram que, somando-se os diagnósticos de depressão, ansiedade ou ambos, 43,49% dos participantes afirmaram ter sido diagnosticados por um profissional da psiquiatria com pelo menos uma dessas condições. Esse dado reforça a relevância da saúde mental entre os estudantes de medicina (Gráfico 2).

Ao desmembrar as respostas, observa-se que 5,52% dos participantes foram diagnosticados exclusivamente com depressão, enquanto 19,87% relataram diagnóstico apenas de ansiedade. Quek et al. (2019) encontraram uma taxa global de prevalência de ansiedade de 33,8%. Essa variação pode ser explicada por diferenças nas amostras analisadas, na metodologia utilizada para diagnóstico e nos contextos acadêmicos e socioeconômicos dos estudantes avaliados. No entanto, independentemente das diferenças observadas, os dados reforçam a relevância da ansiedade como um dos principais transtornos mentais que afetam essa população

Além disso, 18,10% afirmaram ter recebido o diagnóstico de ambos os transtornos, evidenciando uma prevalência maior de ansiedade, isolada ou em combinação com a depressão, entre os respondentes. Esses achados sugerem que a ansiedade é uma condição mais frequente, mas o impacto combinado de depressão e ansiedade não deve ser ignorado, dada sua representatividade na amostra (Gráfico 2).

**Gráfico 2:** Diagnósticos psiquiátricos entre estudantes



**Fonte:** Pedrosa; Freitas (2025)

A pesquisa revelou que 39,87% dos respondentes relataram já ter feito uso de medicamentos para tratar depressão ou ansiedade, um dado que merece destaque pela sua relevância. Esse percentual reflete que uma parcela significativa dos estudantes já recorreu a intervenções farmacológicas para lidar com transtornos de saúde mental, evidenciando a importância de investigar mais profundamente as causas e as demandas desse grupo. Entre os que fizeram uso de medicamentos, 14,32% relataram ter usado exclusivamente ansiolíticos, enquanto 8,37% indicaram o uso exclusivo de antidepressivos. Além disso, 16,96% afirmaram ter utilizado ambos os tipos de medicamentos. Embora 60,13% dos participantes nunca tenham utilizado medicamentos para depressão ou ansiedade, o percentual de 39,87% que já fez uso evidencia a relevância do tema dentro desse grupo de estudantes.

Os resultados indicam que a grande maioria dos participantes (86,67%) utilizou medicamentos antidepressivos ou ansiolíticos por prescrição de um psiquiatra, evidenciando a centralidade desse profissional no manejo especializado de transtornos mentais. Outros 8,89% relataram que o uso foi orientado por outra especialidade médica. Casos de automedicação e uso com base em recomendações de amigos ou familiares foram relatados por 1,67%, representando uma minoria, mas destacando a importância de campanhas educativas sobre os riscos associados à automedicação.

Em relação a frequência de uso dos medicamentos, a pesquisa revelou que a maioria dos participantes (75,56%), relatou utilizar os medicamentos diariamente ou quase todos os dias. Esse grupo representa uma parcela expressiva da amostra, indicando a presença constante dessas medicações na rotina desses indivíduos. Além disso, 13,33% relataram fazer uso esporádico, menos de uma vez por mês, enquanto 5,56% utilizam os medicamentos com uma frequência intermediária, de uma a três vezes por mês. Outro grupo, composto por 5% da amostra, afirmou fazer uso regular, de uma a três vezes por semana.

Esses resultados apontam uma distribuição variada na frequência de uso dos medicamentos, destacando desde padrões de uso diário até padrões esporádicos. A análise detalhada das respostas permite observar que a maioria dos usuários faz uso frequente das medicações, mas também há estudantes cuja necessidade se manifesta de maneira menos regular.

Os resultados apurados sobre a duração do tratamento com medicamentos antidepressivos ou ansiolíticos revelou que a maior parte dos participantes relatou utilizar ou ter utilizado esses medicamentos por "mais de 2 anos", representando 44,44%. Esse dado evidencia a prevalência de tratamentos de longo prazo, muitas vezes necessários para o controle eficaz de transtornos mentais crônicos. Tratamentos de menor duração foram menos comuns, com 20% dos participantes relatando duração entre "1 a 6 meses" e 17,22% mencionando períodos entre "1 a 2 anos". O intervalo entre "6 meses a 1 ano" foi relatado por 11,67% dos participantes, enquanto "menos de 1 mês" foi o menos frequente, representando apenas 5,56%.

A pesquisa também investigou os tipos de medicamentos antidepressivos e ansiolíticos mais utilizados pelos estudantes, que relataram já ter utilizado esses medicamentos (Gráfico 3). Entre os antidepressivos, os Inibidores Seletivos da Recaptação de Serotonina (ISRS), como Fluoxetina, Sertralina, Paroxetina, Escitalopram, Fluvoxamina e Citalopram, destacaram-se como os mais frequentemente citados, com 75% dos respondentes indicando o uso de pelo menos um desses medicamentos. Esse grupo é amplamente reconhecido como a primeira linha no tratamento de transtornos depressivos e de ansiedade.

A predominância dos ISRS entre os participantes deste estudo está em concordância com achados internacionais, que indicam essa classe como a mais prescrita para o tratamento de transtornos depressivos e de ansiedade. Um estudo realizado na Arábia Saudita encontrou que 57% dos estudantes de medicina faziam uso de antidepressivos, sendo os ISRS os mais utilizados (ALQAHTANI et al., 2024).

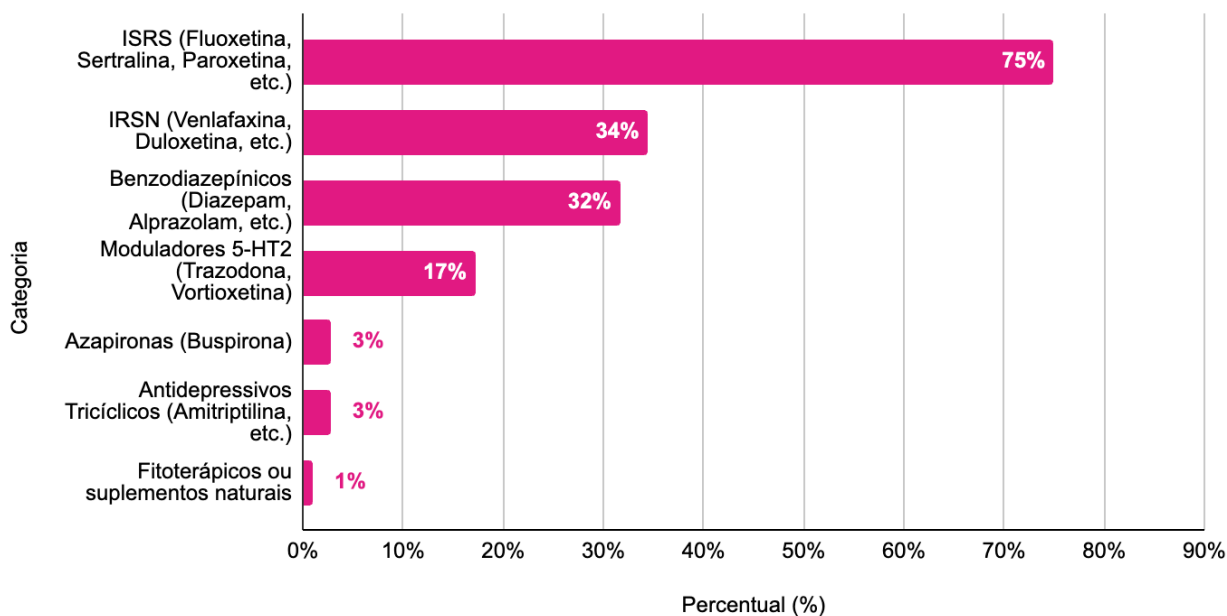
Entre os ansiolíticos, os benzodiazepínicos, como diazepam, alprazolam, clonazepam e lorazepam, foram mencionados por 31,67% dos participantes. Embora sejam amplamente utilizados no manejo da ansiedade aguda e insônia, seu uso foi menos frequente em comparação aos ISRS. A taxa observada neste estudo é superior à encontrada em pesquisas internacionais. ALQAHTANI et al. (2024) identificaram que apenas 15% dos estudantes de medicina relataram o uso de ansiolíticos, incluindo benzodiazepínicos. Essa discrepância pode refletir diferenças nas abordagens ao tratamento da ansiedade, nas práticas de prescrição médica e na disponibilidade de medicamentos nos diferentes contextos acadêmicos analisados."

Os inibidores da recaptação de serotonina e noradrenalina (IRSN), como venlafaxina, desvenlafaxina, duloxetina e levomilnaciprano, foram utilizados por 34,44% dos respondentes, indicando seu papel como alternativas terapêuticas ou opções recomendadas para casos específicos (Gráfico 3). Esse percentual reforça a importância dos IRSN no manejo de transtornos depressivos e de ansiedade, especialmente quando há resposta inadequada aos ISRS ou a presença de comorbidades associadas. Embora dados sobre o uso dessa classe sejam escassos entre estudantes de medicina, os estudos disponíveis sugerem que os ISRS continuam sendo a primeira escolha, enquanto os IRSN são prescritos em situações que demandam abordagens diferenciadas (GORMAN et al., 2023).

Outros grupos de medicamentos também foram relatados, embora em proporções menores. Os Moduladores dos receptores 5-HT<sub>2</sub>, como Trazodona e Vortioxetina, foram mencionados por 17,22% dos participantes. Medicamentos menos usuais, como Azapironas (ex.: Buspirona) e Antidepressivos Tricíclicos (ex.: Amitriptilina, Nortriptilina e Imipramina), apareceram em cerca de 2,78% dos relatos. Uma parcela muito pequena dos respondentes citou o uso de opções alternativas, como fitoterápicos ou suplementos naturais, cada uma delas mencionada por menos de 1% dos participantes.

Esses achados refletem a predominância de medicamentos de primeira linha, como os ISRS, mas também mostram uma diversidade de escolhas terapêuticas feitas pelos estudantes, seja por indicação médica ou por necessidades específicas de tratamento. É importante observar que os percentuais somados ultrapassam 100%, já que muitos participantes relataram o uso de mais de um tipo de medicamento (Gráfico 3).

**Gráfico 3:** Distribuição do uso de fármacos



**Fonte:** Pedrosa; Freitas (2025)

Os resultados encontrados também apontam que a percepção da necessidade desses medicamentos para o bem-estar varia significativamente entre os participantes. A maioria indicou que o uso desses medicamentos foi considerado "extremamente necessário", representando 43,89% do total. Essa prevalência destaca o impacto essencial que esses tratamentos têm para muitos indivíduos na manutenção da saúde mental e do equilíbrio emocional.

Além disso, 32,22% avaliaram o uso como "muito necessário", reforçando a ideia de que esses medicamentos desempenham um papel central, embora possam ser complementados por outras intervenções, como psicoterapia ou mudanças no estilo de vida. Outros 15% classificaram a necessidade como "moderada", refletindo variações individuais na experiência de eficácia ou na gravidade dos sintomas tratados.

Opiniões menos frequentes incluíram "nada necessário" (5%) e "pouco necessário" (3,89%), indicando que, para uma minoria, o impacto do uso foi percebido como limitado ou não essencial.

Os dados obtidos acerca do impacto do uso dos medicamentos no desempenho acadêmico dos participantes demonstram diferentes percepções. A resposta mais frequente

foi "Houve uma melhora significativa", com 45%, destacando que para muitos o uso desses medicamentos contribuiu de forma relevante para o aumento da concentração, controle emocional e rendimento acadêmico.

Outros 25,56% relataram uma "leve melhora", indicando benefícios menores, mas ainda perceptíveis, no desempenho acadêmico. Por outro lado, 15% avaliaram que "não houve impacto", sugerindo que, para este grupo, o uso dos medicamentos não influenciou diretamente seus resultados acadêmicos.

As percepções negativas, embora menos prevalentes, também foram registradas: 6,67% relataram que o desempenho foi "levemente reduzido" e 6,11% consideraram que ele foi "significativamente reduzido". Esses dados podem estar associados a efeitos colaterais como sonolência, fadiga ou outros fatores individuais.

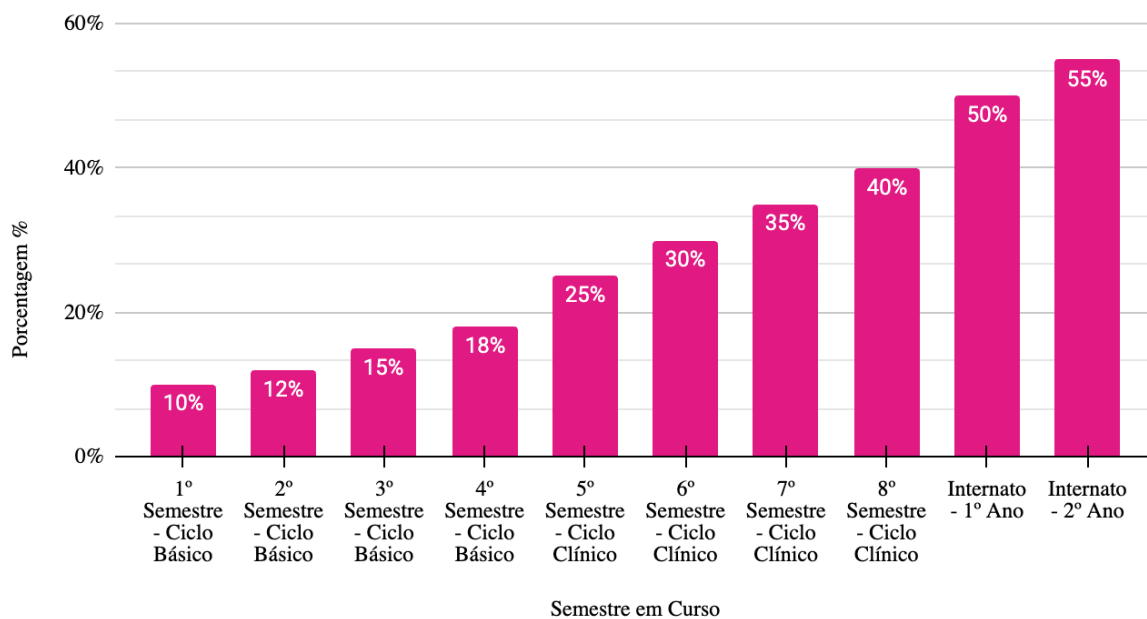
Com base na análise estatística realizada (Gráfico 4), foi identificado que há uma associação significativa entre o semestre em que os estudantes estão matriculados e o diagnóstico de depressão e/ou ansiedade por um profissional da psiquiatria ( $\chi^2=65.17$ ,  $p=0.026$ ). Essa associação sugere que a prevalência de diagnósticos varia de forma estatisticamente relevante entre os diferentes semestres do curso de medicina.

As evidências apontam que os semestres mais avançados, como o internato, tendem a apresentar uma maior prevalência de diagnósticos, o que pode estar relacionado ao aumento da carga horária, responsabilidade acadêmica e clínica. Essa fase do curso geralmente coincide com maior exposição a estressores emocionais, como maior contato direto com pacientes, estágios em diferentes especialidades e maior exigência em termos de desempenho acadêmico e prático. Por outro lado, os semestres iniciais, especialmente os pertencentes ao ciclo básico, apresentam uma menor proporção de diagnósticos (Gráfico 4).

A relação entre o semestre do curso e a prevalência de transtornos mentais tem sido explorada em estudos internacionais. Ferrel, Sunjaya e Chris et al. (2021) conduziram uma pesquisa na Universidade da Indonésia e identificaram que esse padrão pode estar relacionado à adaptação ao ambiente universitário, ao aumento da carga acadêmica e ao impacto psicológico da transição para um ensino mais intensivo. Além disso, evidências indicam que a prevalência de sintomas depressivos e ansiosos tende a aumentar nos anos finais do curso, especialmente durante o internato, devido ao acúmulo de responsabilidades clínicas e acadêmicas, bem como ao aumento da pressão profissional. Essas variações

sugerem que diferentes fases da formação médica estão associadas a distintos níveis de estresse e risco para transtornos mentais, reforçando a necessidade de estratégias institucionais de suporte psicológico contínuo ao longo da graduação."

**Gráfico 4:** Distribuição de Diagnósticos de Depressão e Ansiedade ao longo dos semestres acadêmicos



**Fonte:** Pedrosa; Freitas (2025)

Adicionalmente, pode-se observar que a distribuição de diagnósticos por idade apresentou variações relevantes entre os grupos etários, refletindo como diferentes estágios de vida afetam a saúde mental dos estudantes. Os participantes acima de 30 anos demonstraram maior prevalência de diagnósticos de ansiedade ou depressão em comparação aos grupos mais jovens. Esse fato pode estar associado ao acúmulo de estressores ao longo da vida, como demandas familiares, responsabilidades profissionais prévias e a própria necessidade de equilibrar esses fatores com a intensa carga acadêmica. Além disso, esse grupo etário pode enfrentar desafios únicos, como mudanças significativas em sua vida pessoal ou profissional, que potencializam os níveis de estresse e ansiedade.

Em contrapartida, a faixa etária de 18 a 22 anos apresentou uma menor proporção de diagnósticos. Esse cenário pode ser explicado pela menor exposição acumulada a fatores estressores típicos do curso ou pelo fato de muitos desses estudantes ainda estarem no início de suas jornadas acadêmicas, com menos tempo de convivência com sintomas que poderiam levar a um diagnóstico. Por outro lado, esse grupo pode apresentar resiliência devido à flexibilidade e à capacidade de adaptação mais comum em faixas etárias mais jovens.

## **12. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente estudo realizou uma análise sobre a prevalência e os padrões de uso de medicamentos antidepressivos e ansiolíticos entre estudantes de medicina do Centro Universitário de Brasília. Utilizando uma metodologia quantitativa e transversal, destacou-se a relevância da saúde mental no contexto acadêmico, evidenciando como fatores demográficos, acadêmicos e pessoais influenciam a utilização desses medicamentos. Com a participação de 454 estudantes, este trabalho forneceu uma base sólida para a compreensão do impacto desses fatores, contribuindo para o entendimento de como o ambiente universitário pode afetar a saúde mental de futuros profissionais da saúde.

Os resultados apontaram que 90,5% dos participantes indicaram apresentar ou terem apresentado sintomas relacionados a transtornos de ansiedade e depressão, revelando uma alta prevalência de sofrimento psíquico entre os estudantes de medicina. Adicionalmente, 43,49% dos participantes relataram ter sido diagnosticados com pelo menos uma dessas condições por um profissional da psiquiatria. Por fim, 39,7% dos participantes já fizeram uso de medicamentos antidepressivos e/ou ansiolíticos, reforçando a importância dessas intervenções farmacológicas no manejo dessas condições. Essa prevalência destaca a necessidade de intervenções preventivas e educativas para lidar com a crescente demanda por suporte psicológico neste grupo.

A pesquisa também revelou uma relação significativa entre o semestre cursado e o diagnóstico de transtornos psiquiátricos. Os semestres mais avançados, como os anos de internato, apresentaram maior prevalência de diagnósticos. Esse dado pode ser explicado pela intensificação da carga de responsabilidade acadêmica e clínica, além da maior

exposição a estressores emocionais, como contato direto com pacientes e a exigência elevada de desempenho acadêmico e prático. Essa etapa da formação também coincide com uma maior exigência de maturidade emocional e gerenciamento do tempo, o que pode amplificar os impactos na saúde mental. Por outro lado, os estudantes dos semestres iniciais, pertencentes ao ciclo básico, apresentaram menor prevalência de diagnósticos, o que pode estar relacionado à menor pressão acadêmica e menor tempo de exposição a fatores de risco. Contudo, é importante ressaltar que esse grupo ainda pode enfrentar desafios significativos relacionados à adaptação ao ambiente universitário e às expectativas do curso.

Os medicamentos mais frequentemente utilizados foram os Inibidores Seletivos da Recaptação de Serotonina (ISRS), como Fluoxetina, Sertralina, Escitalopram, entre outros, mencionados por 75% dos respondentes. Esses medicamentos são amplamente reconhecidos por sua eficácia no tratamento de ansiedade e depressão, com efeitos colaterais relativamente manejáveis. Já os Inibidores da Recaptação de Serotonina e Noradrenalina (IRSN), como Duloxetina e Venlafaxina, foram relatados por 34,44%, destacando-se como alternativas importantes para casos específicos, especialmente aqueles com comorbidades, como dor crônica. Os Benzodiazepínicos, como Diazepam e Alprazolam, foram utilizados por 31,67% dos participantes, sendo particularmente comuns em situações de ansiedade aguda ou insônia. Esses dados refletem a preferência por medicamentos de primeira linha no tratamento de ansiedade e depressão, mas também indicam a diversidade nas abordagens terapêuticas e a relevância do acompanhamento médico para evitar dependência ou uso inadequado.

A distribuição geográfica e etária dos diagnósticos apresentou variações significativas. Participantes acima de 30 anos relataram maior prevalência de diagnósticos de ansiedade e depressão, possivelmente devido ao acúmulo de estressores ao longo da vida e às responsabilidades adicionais que esse grupo enfrenta. Além disso, esses indivíduos podem vivenciar uma maior pressão para conciliar responsabilidades acadêmicas com demandas familiares ou profissionais, ampliando sua vulnerabilidade emocional. Por outro lado, estudantes mais jovens, entre 18 e 22 anos, apresentaram menor prevalência, o que pode ser explicado pela menor exposição acumulada a fatores estressantes e pela fase inicial da vida acadêmica, na qual as responsabilidades ainda não atingiram o ápice.

Geograficamente, algumas regiões apresentaram maior concentração de diagnósticos, sugerindo que fatores socioeconômicos, culturais e de acesso a recursos podem influenciar esses resultados. Estudantes de regiões periféricas relataram maior prevalência de diagnósticos, destacando possíveis desigualdades no acesso a suporte psicológico e tratamento adequado.

Outro aspecto relevante foi a percepção dos participantes sobre a necessidade e os impactos do uso de medicamentos. Mais de 75% consideraram o uso essencial para o equilíbrio emocional e desempenho acadêmico, evidenciando o papel central dessas medicações no enfrentamento das demandas do curso. Para muitos, os medicamentos representaram uma ferramenta indispensável para lidar com sintomas debilitantes, permitindo que continuassem sua formação acadêmica de maneira produtiva. Contudo, o estudo também alertou para os riscos da automedicação e da dependência, ressaltando a importância do acompanhamento médico especializado para garantir a eficácia e a segurança do tratamento.

Este estudo contribui para ampliar o conhecimento sobre a saúde mental dos estudantes de medicina e destaca a urgência de estratégias preventivas e de suporte específicas para esse grupo. A criação de ambientes acadêmicos mais saudáveis, a promoção do acesso a serviços de saúde mental e o incentivo ao uso racional de medicamentos são passos fundamentais para mitigar os impactos negativos dessa realidade. Além disso, é essencial que as instituições acadêmicas invistam em programas de conscientização e prevenção, abordando temas como saúde mental, manejo do estresse e estratégias para manter o equilíbrio emocional ao longo da formação. Pesquisas futuras poderão aprofundar a análise sobre os fatores associados à saúde mental e explorar intervenções específicas que promovam o bem-estar dos estudantes universitários, garantindo que eles possam enfrentar os desafios de sua formação com maior resiliência e suporte adequado.

### 13.REFERENCIAL TEÓRICO:

ALDURAIBI, R. K.; ALTOWAYAN, W. M. A cross-sectional survey: knowledge, attitudes, and practices of self-medication in medical and pharmacy students. *BMC Health Services Research*, Arlington, v. 22, p. 352, 2022. doi: 10.1186/s12913-022-07704-0.

ALQAHTANI, M. et al. Prevalence of psychiatric medications use among medical students in KSA. *International Journal of Mental Health and Addiction*, 2024.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). *DSM-5-TR: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: texto revisado*. 5. ed. Arlington, VA: American Psychiatric Publishing, 2022.

BEHZADIFAR, M. et al. Prevalência de automedicação em estudantes universitários: revisão sistemática e meta-análise. *Saúde do Mediterrâneo Oriental J.*, 23 de julho de 2020;26(7):846-857. doi: 10.26719/emhj.20.052. PMID: 32794171.

BRAZEAU, C. M. et al. Distress among matriculating medical students relative to the general population. *Academic Medicine*, Arlington, v. 89, p. 1520-1525, 2014. doi: 10.1097/ACM.0000000000000482.

CAVESTRO, J. M.; ROCHA, F. L. Prevalência de depressão entre estudantes universitários. *J. Bras. Psiquiatr.*, Brasília, v. 55, n. 4, p. 264-267, 2015.

DOWNS, N. et al. Listening to depression and suicide risk in medical students: the Healer Education Assessment and Referral (HEAR) Program. *Academic Psychiatry*, Arlington, v. 38, p. 547-553, 2014. doi: 10.1007/s40596-014-0115-x.

FASANELLA, N. A. et al. Uso de drogas psicotrópicas prescritas entre estudantes de medicina e fatores associados: um estudo transversal. *São Paulo Med J.*, São Paulo, v. 140, n. 5, p. 697-704, set.-out. 2022. doi: 10.1590/1516-3180.2021.0566.R2.05012022.

FERREL, U.; SUNJAYA, A. P.; CHRIS, A. Anxiety and Sleep Quality Among Medical Students in Indonesia During the COVID-19 Pandemic. *Proceedings of the 1st Tarumanagara International Conference on Medicine and Health (TICMIH 2021)*, p. 78-82, 2021.

FOND, G. et al. Estudantes de medicina do primeiro ano consomem antidepressivos e ansiolíticos, enquanto os do segundo ano consomem medicamentos não médicos. *J. Afeta. a Desordem.*, Arlington, v. 265, p. 71-76, mar. 15, 2020. doi: 10.1016/j.jad.2020.01.035. Epub 2020jan. 15.

FRIEDRICH, M. J. Depression is the leading cause of disability around the world. *JAMA*, Arlington, v. 317, n. 15, p. 1517, 2017.

GORMAN, J. M. et al. Use of serotonin and norepinephrine reuptake inhibitors in anxiety disorders: an update. *Journal of Clinical Psychopharmacology*, v. 44, n. 2, p. 123-135, 2023.

LAM, R. W. et al. Canadian Network for Mood and Anxiety Treatments (CANMAT) 2016 Clinical guidelines for the management of adults with major depressive disorder: Section 1. Disease burden and principles of care. *The Canadian Journal of Psychiatry*, Ottawa, v. 62, n.

9, p. 588-603, 2017.

LING, S. et al. Molecular mechanisms of psilocybin and implications for the treatment of depression. *CNS Drugs*, Arlington, v. 36, n. 1, p. 17-30, 2022. doi: 10.1007/s40263-021-00877-y.

MORRIS, M. R. et al. Uso de medicação psiquiátrica por estudantes universitários: Uma década de dados. *Farmacoterapia*, Arlington, v. 41, n. 4, p. 350-358, abr. 2021. doi: 10.1002/phar.2513. Epub 2021 mar. 5.

NATIONAL INSTITUTE FOR HEALTH AND CARE EXCELLENCE (NICE). Depression in adults: recognition and management. Clinical guideline [CG90]. London: NICE, 2019.

PUTHRAN, R. et al. Prevalence of depression amongst medical students: a meta-analysis. *Med Educ.*, 2016 Apr;50(4):456-68. doi: 10.1111/medu.12962. PMID: 26995484.

QUEK, T. T. C. et al. The global prevalence of anxiety among medical students: a meta-analysis. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, v. 16, n. 15, p. 2735, 2019.

ROTENSTEIN, L. S. et al. Prevalence of depression, depressive symptoms, and suicidal ideation among medical students: a systematic review and meta-analysis. *JAMA*, v. 316, n. 21, p. 2214-2236, 2016.

SACRAMENTO, B. O. et al. Symptoms of anxiety and depression among medical students: study of prevalence and associated factors. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 45, n. 1, p. e021, 2021.

**14. ANEXOS:**

ANEXO 1: [W TCLE PRESENCIAL - DEPRESSÃO&ANSIEDADE.docx](#)

ANEXO 2: [W TCLE - VIRTUAL - DEPRESSÃO&ANSIEDADE.docx](#)

ANEXO 3: [W PERGUNTAS DE ENTREVISTA - PIC.docx](#)